

A folia do “meu tempo”: contrastes e tensões de gênero no passado perene

Andiara Barbosa Neder¹

Introdução

Neste artigo busco apresentar aspectos da Folia de Reis no passado com relação à função e presença feminina dentro dessa manifestação de cunho androcêntrico. A importância desse tema se baliza pela necessidade de encontrar no passado as bases das tensões de gênero ainda presentes neste contexto e, de um modo geral, na sociedade.

Utilizando a etnografia e fontes orais como base da minha metodologia de pesquisa, acredito que as memórias femininas possam oferecer as informações necessária como o ponto de partida para as reflexões subsequentes. O meu campo de pesquisa se situa em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, Leopoldina, onde pesquiso folias da zona rural e da periferia urbana. O foco das entrevistas é nas falas das mulheres envolvidas com a festa, embora as vozes masculinas sejam uma interferência constante. O que não implica em uma perda propriamente dita do foco da entrevista, mas sinaliza a onipotência masculina em assuntos relacionados à Folia, como uma construção do contexto social em questão. Eles sempre se aproximam das mulheres quando começamos a conversar sobre o assunto. Oferecem suas contribuições, como se elas fossem mais precisas do que de seus pares femininos. Dessa maneira, é possível absorver informações e memórias de ambas as partes, contrastando visões e analisando os discursos. Sem perder de vista a ideia de que essa autoridade absoluta masculina não é uma verdade incontestável, o que foi possível analisar através das narrativas das mulheres.

O objetivo deste artigo se baliza sobre a necessidade de demonstrar que o tempo oferece alterações na dinâmica de uma festa tradicional como a Folia de Reis, tanto no ambiente rural quanto no urbano. E a inserção da mulher na esfera ritual da festa é uma delas. Ao contrário da suposta perenidade do passado, evocada no ambiente rural, as mudanças ocorrem à revelia dos antigos *guardiões da tradição*.

¹ Mestra e doutoranda em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, orientanda do Prof. Dr. Volney Berkenbrock. andiaraneder@yahoo.com.br

A mulher no ritual: memórias, vivências e narrativas

Na verdade, afirmar que tudo que é antigo é melhor faz parte de uma construção do imaginário coletivo, que é em grande parte constituído pela memória coletiva. Para traçar essa discussão busco aporte em autores inseridos no campo da psicologia social, que contribuem de maneira mais precisa sobre esse assunto. Schmidt e Mahfoud (1993) que discutem o pensamento de Halbwachs acerca do conceito de memória coletiva, asseveram a natureza coletiva de toda memória. Pois, as lembranças individuais são sempre construídas através de relação de pertença do sujeito a um grupo, o seu grupo de referência. Esse indivíduo não precisa estar inserido fisicamente nesse grupo no momento atual para que ele seja o seu grupo de referência. Ele precisa compartilhar com o grupo pensamentos e visões de mundo. De acordo com Schmidt e Mahfoud (1993, p.288), “o grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo”. Intimamente ligada à ideia de grupo de referência, situa-se o conceito de memória coletiva:

a memória coletiva, propriamente dita, é o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns. O resultado deste trabalho é uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas que são o conteúdo da memória coletiva (Schmidt & Mahfoud, 1993, p.291).

A retomada de experiências desse acervo, comuns aos indivíduos de determinado grupo de referência, revela um apego afetivo a esse grupo, o que dá consistência às lembranças dos sujeitos pertencentes a esse coletivo, pois o apego remete diretamente à lembrança, enquanto seu oposto, o desapego, está ligado ao esquecimento (Schmidt & Mahfoud, 1993, p.288). Esse apego afetivo pode ser também um dos motivos pelos quais as imagens do passado sejam tão melhores que as atuais. E talvez o apego e o desapego, a lembrança e o esquecimento, também estejam relacionados com a recordação de nomes de foliões antigos, e o esquecimento dos nomes das mulheres empenhadas nas funções relevantes dentro do grupo, como a confecção da bandeira.

Mas a memória coletiva depende necessariamente de algum esforço individual dos integrantes do grupo de referência. A memória se depreende de um trabalho individual de reconhecimento e reconstrução. Schmidt e Mahfoud (1993, p.289) explicam, de acordo com Halbwachs, que o reconhecimento se dá por ser um sentimento do já visto, e a reconstrução por não ser uma repetição linear dos fatos. São resgates entrecortados por uma série de preocupações atuais. Além disso, é reconstrução também por ser um acontecimento diferenciado, evocável e localizado num tempo e num espaço específico em meio ao conjunto de relações sociais.

Tanto o reconhecimento quanto a reconstrução dependem da existência de um grupo de referência, tendo em vista que as lembranças retomam relações sociais, e não simplesmente idéias ou sentimentos isolados, e que são construídas a partir de um fundamento comum de dados e noções compartilhadas (Schmidt & Mahfoud, 1993, p.289).

Nesse processo, as lembranças das folias antigas, para as minhas entrevistadas, podem lhes parecer mais interessantes e até mais fiéis ao mito fundante por estar temporalmente mais perto do original. Mesmo que em uma escala temporal de mais de dois milênios algumas décadas não façam diferença, para quem vivencia a manifestação, somente as antigas faziam o *certo*, eram mais sérias e mais comprometidas com a *verdade* do mito original. Isso porque as antigas folias estavam inseridas no seu grupo de referência, com o qual ela mantém uma relação de identificação, reconhecimento, e por isso faz a reconstrução das vivências que são evocáveis, por serem a seu ver, respeitáveis. Por isso as folias de antigamente fazem parte de um passado ideal, onde a ortodoxia da Folia de Reis impera e as práticas rituais, conceituais e performáticas não eram deturpadas.

Antigamente, por exemplo, era muito comum o folião sair no dia 24 de dezembro com a folia e só voltar depois do encerramento dia 6 de janeiro. No caso da Folia da Serra, sair dia 31 de dezembro, já que no dia 24 só tem a abertura do giro, mas este só começa efetivamente a partir do dia 31. Dormiam na casa onde a bandeira recebia pouso, ou seja, se já estivessem cansados para prosseguir com o giro e visitar mais casas naquela noite ou madrugada, ou estivessem muito longe para voltar para casa, pediam pouso na última casa e dormiam em qualquer lugar que

oferecessem, no paiol, no chão, ou onde os donos da casa disponibilizassem. Como Matilda explica em entrevista:

Matilda: Uai, antigamente a nossa folia saía à meia noite do dia, no dia de natal, né...

Entrevistadora: dia 24...

Matilda: É. Meia noite. E ela só parava dia 6. Na nossa época, né. Quando nós era criança. Eu tinha o quê? 9, 10 ano. E a gente acompanhava, acompanhava. De casa em casa. E eles num parava pra ir pra casa des não. Aquilo ia, ia até dia 6.

Entrevistadora: Direto!

Matilda: Direto!

[...]

Matilda: Aí era na casa do meu tio, João Boninho. Lá ele recibia as folia. Eles ou almoçava ou jantava. E depois do almoço eles durmia. Lá pra fora. Cada um istendia suas coisa lá e durmia. Até num pano vêi mesmo eles durmia.

[...]

Entrevistadora: E cê sabe como era assim a questão de trabalho deles? Eles paravam de trabalhar nessa época?

Matilda: Parava, parava... isso até hoje ainda tem muitas folia que ainda pára, né?!

[...]

Os da roça é, os antigo é. Os antigo pára².

É interessante observar as expressões *na minha época, no meu tempo*. Tais expressões estão carregadas de um apego afetivo pelo passado, como se o tempo que já passou fosse o seu e agora não é mais. Como se aquele tempo fosse quando o sujeito se encontrava definido, bem localizado e compreendendo todas as regras sociais e adaptado a elas. Matilda recorda desse tempo de maneira tão bem situada e participante ativa daquele grupo que tem como seu grupo de referência, que fala *nossa folia*. Ela nunca foi dona de folia, ela nunca foi filha, sobrinha, afilhada ou mais tarde, esposa de folião. Sua família nunca teve uma folia, mas sempre recebeu folias em casa. E uma em especial, a que se refere como *nossa*, era aquela que todos os anos fazia visita na casa do seu tio e que ela acompanhava de perto. O passado parece ser sempre acolhedor e *nosso*, ou seja, onde se busca o seu grupo de referência. Ela mesma se coloca como acompanhante de casa em casa, o que é

² Entrevista realizada com Matilda, em sua residência, dia 13 de abril de 2017.

improvável para uma criança. É mais um elemento da memória de pertencimento ao acontecimento.

Importa frisar também na fala de Matilda que há um certo entendimento de que as pessoas antigas e da roça ainda preservam um certo hábito não modificado pelo tempo e pelas novas condições sociais. Como se essas pessoas idosas fossem guardiãs de um modo diferente de agir e de pensar, próprio de *sua época*, e que a roça fosse um local onde o tempo para e que tal contexto pudesse conter o curso natural do tempo. O que, de fato, não ocorre. De acordo com as entrevistas realizadas com as mulheres que vivenciam o cotidiano rural da Serra e as dificuldades pelas quais a folia de lá passa para manter o giro, mesmo sem a participação de alguns foliões que tem que voltar cedo para trabalhar no outro dia, se assemelham com as da cidade. Portanto, salvo as exceções, na roça hoje também se enfrentam desafios. É a idealização do passado, das pessoas que nele nasceram e viveram, e no local onde nasceram e viveram pessoas do passado, no passado

Cássia conta em entrevista como os foliões antigamente conseguiam ficar liberados do trabalho na época do giro da folia. Alguns adiantavam o serviço na roça, outros arrumavam quem os substituíssem, mas dia 31 eles começavam o giro da Folia da Serra:

Entrevistadora: E antigamente era diferente essa questão do trabalho?

Cida: Ah era! Porque antigamente era só gente da roça mermo, aí adiantava o serviço, né!? Prus 6 dias de folia tá tranquilo!

[...]

Antigamente num tinha ninguém empregado qui ia saí pa folia! Todo mundo trabalhava por sua conta própria, né! Praticamente! Era plantio, era colhe..., num trabalhava em cidade, num era empregado de carterá assinada.

[...] Quando cê acha uma pessoa qui faça prá você... igual o Naldo³. O Naldo foi retirero por muitos anos. Ma na época da folia tinha uma pessoa qui ia lá prá ele.

Naldo: Dia 31, ó!

Entrevistadora: Você ia embora! (risos)

Cássia: Porque tinha uma pessoa qui ia lá prá ele, senão ele tinha qui voltá im casa prá tirá o leite. É. Tinha que i.

³ Na fala da entrevistada foi substituído o nome de seu esposo que ela cita, para o pseudônimo, para preservar sua identidade.

[...] É. Pra substituí ele. Chegava, coitadinho, o nome dele era “casca fora” (risos), ma chegava bêbado, ma dia 31 ele chegava. Chegava tadinho. Bêbado, ma chegava. Até morreu já, tadinho. [...] e ficava os 6 dia da fulia ali.⁴

Em entrevista com Lúcia, o marido contribui dizendo que os patrões no passado não se importavam em liberar os empregados para o giro porque muitas vezes eles também gostavam de Folia de Reis: “qui às veze, o dono do sítio que tinha algum empregado que gostava de fulia, num importava qui o empregado fosse pa fulia porque ele gostava de fulia também! [...] Dexava, num fazia questão!”⁵

Em um passado mais distante, as mulheres não acompanhavam a folia. Durante os dias de giro ficavam em casa cuidando da casa, dos animais e das crianças. Apesar de as mulheres serem predominância em ambientes e prática religiosas, nos assuntos de Folia de Reis eram alijadas. De acordo com Birman (1996, p. 207), há uma predominância nítida de mulheres nos assuntos religiosos. Observa que em função de “uma clássica divisão de trabalho entre os sexos, caberia, pois, às mulheres as lides religiosas e o trabalho doméstico bem como o cuidado das relações familiares” (BIRMAN, 1996, p. 207). Mesmo assim, afirmam que não era adequado para mulheres porque, segundo Tinho, a folia antigamente andava longas distâncias, muitas vezes debaixo de chuva, e com barro alto nas pernas:

Tinho: E outra coisa. Às veze, a folia tamém ia de uma casa na outra, era longe, né?! Era longe! Então mulé num ia, né?! Puque num ia andá... A noite intera, cum chuva, barro, a mulé evitava de i. Aí só ia homi, né!?

Lúcia: Criança, né?!

Entrevistadora: Até por conta das crianças, né?!

Tinho: Justamente!

[...]

Tinho: A folia, antigamente, andava até 15 quilômetro a pé! É ué! 10 quilômetro, 15 quilômetro a pé.

Lúcia: Num tinha carro, num tinha outra condução, era só a pé!

Tinho: Num tinha!

[...]

⁴ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

⁵ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

Tinho: Naquele tempo tamém chuvia muito, né!? Chuvia. Fulia era época da chuva!
Fulia era cum chuva! As estrada tamém, as estrada é, era muito ruim as estrada!
Então num tinha como passá carro! Então era só a pé memo e a pé cum chuva!

[...]

Lúcia: E era chuva memo! Preparava cum guarda-chuva, cum capa de chuva!
Porque era um período de muita chuva!

[...]

Tinho: Na roça ali, ó! Nós já passamo com água aqui assim, ó!

Entrevistadora: O quê?! (espanto) Que isso? [...] Se passasse um carro atolava!

Tinho: Não! Num tinha como! Carro num passava. Era só a pé! Tinha um tio meu
que era de idade, os filho dele punha ele nas costa prá podê passá!⁶

Dessa forma, durante muito tempo, as mulheres se mantiveram afastadas do cortejo, pois tal dificuldade não era só um pretexto, era um empecilho real, sobretudo para aquelas que tinham filhos pequenos. Cida assevera em dois momentos de sua entrevista: “Eu quando criança, eu nunca lembro da minha mãe i atrás de fulia!”⁷. E acrescenta em outro momento:

Entrevistadora: Mas quando seu pai cantava, você acompanhava a folia? Você ia atrás?

Naldo: Ia!

Cássia: Tá! É assim: Depois memo qui eu cresci, puque quando era pequena eu não ia não!

Entrevistadora: Não? [...] Porque?

Cássia: Num dexava! Ninguém ia tamém! Num dexava era muito difícil!

Naldo: Papai! Nossa Sinhora!

Cássia: Era muito difícil prá i tamém, sabe?!⁸

Além disso, os pais não deixavam as solteiras e as meninas mais novas saírem para rua durante noites e madrugadas no meio de homens, por mais que fossem da família e estivessem acompanhadas do pai. As entrevistadas usaram o adjetivo sistemático para definir seus pais e as pessoas da época. Cássia relatou: “Num sei se num podia! A gente não ia! Ah o pessoal antigamente era muito sistemático...”⁹ Luiza utiliza o

⁶ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

⁷ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

⁸ Idem.

⁹ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

mesmo adjetivo e acrescenta quando questionada se antigamente ela acompanhava a folia:

Entrevistadora: Nessa época você acompanhava a folia? Você ia atrás prá ver?

Luíza: Não! Nessa época era muito rígido, né?! Nessa época mulé num andava atrais de fulia não, uai! Époça da vovó e do vovô! Era só os homi. Éeee, mulé num podia não!

Entrevistadora: Porque que mulher não podia?

Luíza: Ah antigamente os pais era bem sistemático, né! Aquele negócio que mulé no meio de homi num dava certo! Éeeee!¹⁰

Os pais não permitiam tampouco donos de folias gostavam. Na Folia da Serra, a presença de mulheres sempre foi um tabu, principalmente para os mais velhos. E não está em jogo sua presença como foliona, somente como acompanhante, só mesmo para assistir a cantoria. Pois, como foliona, não se questiona até hoje essa impossibilidade. O pai de Tinho e de Naldo, antigo dono e mestre da Folia da Serra, não gostava que nem mulheres nem crianças acompanhassem o cortejo. Porém, com o passar dos anos e com o auxílio do caminhão emprestado, o motivo das longas caminhadas debaixo de chuva e barro, caiu por terra. E nessa época elas começaram a acompanhar seus maridos, pais, tios, primos, etc. Cássia conta:

Cássia: Igual eu tô te falano, a facilidade foi chegano. Igual do caminhão por exemplo! Aí quando ia na casa do meu tio lá em Campo Limpo, aí nós ia todo mundo! Nós ia de caminhão, tendeu?!

Entrevistadora: Mas ia as meninas também?

Cássia: É. E aí ia eu, minhas irmã, a mãe ia, tendeu? Aí ia a Dona Ita, as filha dela. Ia assim e ia muita gente!

Entrevistadora: Isso depois do caminhão.

Cássia: Depois do caminhão.

Entrevistadora: Antes não.

Cássia: Antes era muito difícil i!

Entrevistadora: Muito difícil por quê? Porque os pais não deixavam ou porque a folia que não deixava?

Cássia: Ah porque andava a pé muito longe, tendeu? Aí até quando vinha por perto aí a gente ia. Mas depois de adulta.

¹⁰ Entrevista realizada com Luíza, em sua residência, no dia 17 de junho de 2017.

Entrevistadora: Pequeninha não.

Cássia: Pequeninha não! Pequeninha você só via fulia se fosse na casa da gente!¹¹

Lúcia conta em entrevista que seu sogro, o dono da folia era irredutível em relação às mulheres acompanharem o cortejo, mas acabou tendo que aceitar, pois a folia começou a se tornar um espaço de sociabilidade entre homens e mulheres. Aos poucos a folia foi alterando, ainda no passado, seu caráter exclusivamente masculino.

Lúcia: Eu lembro que com meu sogro nó tivemos, nós travamos grandes lutas! Porque a hora que a fulia saía, que a mulherada saía atrás, ele não gostava! Ele não gostava! Daí, eu tô falano do meu sogro prá cá, porque do meu sogro prá trás eu não lembro! Mas o meu sogro não gostava que as muleres iam junto! Mas na época, que a gente morava na roça, tinha muita moça, muita. Então qué dizê, eu comecei a namorá ele na fulia! Então era uma coisa assim, tinha muito rapaz na fulia! Mas também tinha muita moça que queria acompanhá a fulia! Né?! Então, mas meu sogro não gostava, que as mulheres ia!¹²

Na fala de Lúcia é possível notar através de suas risadas bem colocadas, certa ideia de esperteza por parte das mulheres para conseguirem se incluir nas jornadas. Buscavam pretextos para essa inclusão. Primeiro falavam que tinham que levar as crianças que queriam acompanhar os pais de qualquer jeito, muitas inclusive que já entravam como pequenos foliões, mesmo a contragosto do mestre. Depois recorreram ao almoço, dizendo novamente que tinham que levar as crianças. Ou seja, utilizaram de uma via que já era condicionada à figura feminina, como o cuidado com os filhos, para conseguir driblar a restrição das mulheres no cortejo.

Lúcia: Eu lembro que uma vez, eu tinha meu filho mais velho, que fez 35 anos. Desde piquinininho que ele acompanhava a fulia. Meu filho mais velho e o meu sobrinho, que são mais ou menos da mesma idade, foro as primeras crianças a acompanhá a fulia! De criança. Que meu sogro..., permitiu não! Olhava com a cara assim mei atravessada (risos), mas a gente levava assim mesmo! Fizemo uniforme prá eles...

¹¹ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

¹² Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

Entrevistadora: Ah que bonitinho!

Lúcia: Meu filho mais velho eu tinha que carregá no colo, mas ele não ficava em casa, num adianta! Porque ele quiria acompanhá o pai dele! E eles iam, os dois piquinininho!

Entrevistadora: Mas por que que o seu sogro assim, não gostava nem que mulher acompanhasse, nem que criança acompanhasse?

Lúcia: Porque achava que atrapalhava.

[...]

Tinho: na época deles...

Lucia: É a questão daquela coisa que era coisa do homem, não era prá muler! Era coisa de homem! Fulia era coisa de homem, não era coisa de muler! Ficá participano, saino junto. Então, a mulé, se ela gostava, ela recibia em casa! Mas i atrás assim, num tinha total liberdade assim, não! Aos poucos a gente foi quebrano isso! Qui us minino (risos) foro ino, aí a gente tinha qui i ao meno um poquinho naquela casa do almoço. Prá gente almoçá era assim: as muleres chegavam, ficava assentadinha lá fora, num podia..., “pu ceis não! Ceis só vão entrá pa dentro de casa quando o dono da casa convidá! Ficam lá fora!” Aí eles entravam, tal, chamava. Quando...aí o dono da casa, “ah a mulé do Fulano tá lá, então chama, vem!” Aí ele (o sogro), ia lá, “podem entrá!”. Aí a gente entrava. Podia toma um café e tudo. Era cum a permissão dele! [...] No almoço era a mesma coisa! Aí a gente começô a recorrê no almoço (risos), ia devagazim, puquê tinha qui levá as criança! Então acabava qui a gente ia ficano, aos poquinhos, né!? Aí só cum a permissão dele, que condicionava prá almoçá. Aconteceu um fato muito engraçado, que nós fomos numa casa almoçá numa roça, antiga, já até falecero já. Aí na hora, não sei porque, uma mãe foi arrumá o almoço prá uma criança, num lembro quem, mas foi arrumá almoço pruma criança, que tava de fulião. Nossa! Depois, minha filha, ele ficô bravo depois! “Porque vocês entraro na fila antes dus fulião terminarem!”, “Mas foi arrumá prá criança!”, “Não! A dona da casa que arrumasse! Vocês não poderiam entrá na fila antes qui os fulião terminasse de comê!”. Então ele era assim! Muito sistemático! Tinha que sê muito assim: era pro fulião, era pro fulião! Se fosse nos chamá, é lógico que as pessoas chamavam, por educação! Mas por ele, a gente num ia! Mas a gente ia assim mesmo! (risos) E assim a gente foi venceno ele! Acabô que a gente foi venceno! Que a gente ia mesmo!¹³

Então, em relação ao cortejo, as mulheres acabaram sendo incluídas, ou melhor, se incluindo. O que já foi um passo importante dado por dessas mulheres no passado em direção a uma nova formatação da folia, que as pudesse incluir na esfera

¹³ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

ritual. No caso da Folia da Serra, tal inclusão ainda não ocorreu efetivamente, mas outros grupos, mesmo no passado, já ousaram nessa perspectiva. Na Folia do Dijinho, grupo bastante antigo e respeitado na região da Serra dos Barbosas, também poderia se ver a esposa do Dijinho, Nininha, como cantadora de frente. Posição de destaque e grande relevância hierárquica. Interessante notar como folias tão diferentes em termos de postura em relação à presença feminina no ritual poderiam coexistir em um mesmo tempo e espaço. A Folia da Serra e seus integrantes não se envergonham de se posicionarem da mesma forma até hoje, mesmo cientes da existência de grupos como o do Dijinho, que já aceitavam a contribuição feminina no ritual no passado. Pelo contrário, os foliões se orgulham de manter esse traço como uma característica da permanência da tradição. Ou seja, acreditam que se mantiverem traços do passado vivos na festa, estão mantendo a tradição viva. Enquanto essa só se revela viva de fato se estiver em trânsito, ativa e nunca inerte.

Com relação a esse comprometimento com a tradição e com os giros, as mulheres entrevistadas acreditam que a seriedade dos foliões com relação à missão antigamente era maior. Pode ser uma percepção baseada naquela afirmação de que *tudo que é antigo é melhor*, com base no já apresentado aspecto da memória coletiva, que envolve grupo de referência, afeto e apego, ou pode corroborar com a ideia que mesmo tentando manter certos aspectos da tradição vivos porém inertes, em outros aspectos às vezes os foliões deixam a desejar. É importante frisar que as mulheres afirmam que o motivo dessa falta de comprometimento atual não é por culpa dos foliões, mas por conta das circunstâncias atuais de trabalho. Lúcia pondera: “As pessoas antigas, num sei, parece que tinha mais envolvimento, né?! Era, era mais envolvimento que hoje! [...] Mas talvez seja por causa de trabalho, né?! Porque as firmas não liberam, durante a semana. Então isso cabô atrapalhamo um pouco.”¹⁴. E depois contribui no sentido do respeito:

Lúcia: É mais a questão do respeito. Que as pessoas antigas respeitavam mais do que hoje!

Entrevistadora: Ah é? E porque você acha que antigamente tinha mais respeito assim?

¹⁴ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

Lúcia: Até porque a folia era coisa mais da roça mesmo! Então se cê fô vê éeee, as pessoas que moram na zona rural e as pessoas da cidade em geral, cê vê que tem muita diferença! É! O nível de pessoas, de educação, de tratamento!¹⁵

As mulheres envolvidas com a Folia da Serra, por ser uma folia muito tradicional e que é reconhecida por primar pelas tradições do passado, para que permaneçam da mesma forma, parecem não concordar que a Folia da Serra no passado era melhor que hoje. Sempre afirmam que a qualidade continua igual, apesar de ter mudado algumas coisas, a qualidade da Folia da Serra é a mesma. É importante ressaltar que “os discursos não se originam no sujeito, mas cada sujeito os adota como próprios, defende-os, deseja sua manutenção e entende-se a si mesmo com base neles” (DAVIS, GANNON, 2015, p. 398). Dessa maneira, é normatizado dentre as mulheres da Serra o discurso construído de que os aspectos alterados durante os últimos duzentos anos, não mudaram em nada a dinâmica do grupo. Cássia aponta: “Ah, a qualidade é a mesma entendeu?! [...] Continua manteno”¹⁶. Lúcia assevera na mesma direção:

Não vejo que era melhor ou pior! Eu vejo a questão do tempo mesmo! Porque cê vê que na própria, cê vê que a própria palavra de Deus aplicada em determinado tempo, um tempo passado ela tinha um efeito e hoje ela tem outro efeito, devido o tempo qui cê tá vivo! Então eu num acho que ela é diferente! Falá assim, ah lá ela era melhor ou era pior!¹⁷

Com essa afirmação ela sugere que a Folia não mudou, os tempos que mudaram, o contexto no qual a folia se insere hoje é que é outro.

Já Matilda fala abertamente da superioridade das folias e dos palhaços de antigamente, pois ela não possui um envolvimento tão próximo com as folias que recebe quanto as entrevistadas da Serra possuem com a Folia da Serra:

Entrevistadora: E era diferente a época que sua mãe recebia da época, igual hoje, que você recebe?

¹⁵ Idem.

¹⁶ Entrevista realizada com Cássia, em sua residência, no dia 09 de outubro de 2017.

¹⁷ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

Matilda: Era diferente porque de primero assim, sei lá, eles cantava mais! Era tudo diferente! Parece que as música deles, ah era tudo diferente! Hoje num é bonito igual era! É, ainda é bunito, essa dos Colodino ainda é uma das melhó!

Entrevistadora: [...] Antes tinha mais cantoria?

Matilda: A gente compreendia mais, né?! [...] O modo dele cantá! A gente compreendia mais!

Entrevistadora: Entendi! E os palhaços?

Matilda: Bom demais!

Entrevistadora: Igual os de hoje?

Matilda: Não! [...] Noooossa... Eles brincava muito, eles pulava muito, era diferente! Era muito diferente! [...] Noooossa Sinhora, esses de hoje não!¹⁸

A partir disso, é possível pensar que há uma compreensão idealizada do passado, com uma recordação positiva do *no meu tempo*. Por outro lado, mudanças e permanências menos envolvidas pelo apego emocional também surgem e culminam em uma percepção feminina da realidade. As entrevistas flagram frustrações mas também satisfações, pequenas lutas diárias que permeiam o cotidiano de mulheres comuns que contam o vivido e o observado na esfera ritual e suas tensões de gênero, que no passado se faziam notar com bastante intensidade. Ao contrário da suposta perenidade do passado na roça evocada, pôde ser aqui clarificado que as mudanças ocorrem à revelia daqueles guardiões da tradição. A beleza do campo de pesquisa está também em suas ambiguidades e ambivalências.

Conclusão

Neste artigo foi possível apresentar e analisar a posição da mulher em relação à sua participação na esfera ritual da Folia de Reis no passado. A esfera do ritual é a parte que aparece, o que elas próprias consideram como a Folia de Reis de fato. É o espetáculo, é o que define a folia para elas. Quando uma de minhas colaboradoras, Lúcia, assevera sobre a participação da mulher na folia, inconscientemente ela deixa isso claro: “por trás é, ué! Num tem como! Sem a participação da mulhé num tem como! *Ela só num entra no grupo da folia prá participá!* Mas a participação dela sempre, sempre existiu!”¹⁹ Para ela a folia em si é o ritual. Com essa fala ela afirma

¹⁸ Entrevista realizada com Matilda, em sua residência, dia 13 de abril de 2017.

¹⁹ Entrevista realizada com Lúcia, em sua residência, no dia 10 de outubro de 2017.

que as mulheres sempre participaram da folia, porém nos bastidores da festa, como aporte necessário, sem aparecer, no anonimato, por trás, como ela mesma aponta.

Através das falas das entrevistadas é revelado como elas, suas mães e mulheres de seu grupo de referência compreendiam a posição assumida. Através dos depoimentos também foi possível perceber como certos discursos masculinos foram de fato acatados e interiorizados por elas e como outras determinações foram superadas ao longo dos anos.

A proposta aqui foi de compreender a estrutura tradicional do ritual da folia, em sua práxis *ortodoxa*, o que era considerado o certo no passado sobre a posição, papel e função desempenhados por mulheres e homens nos rituais da folia. Sempre a partir das narrativas das mulheres, foi analisada a construção de uma ortodoxia imaginária do passado, a fim de perscrutar em seus discursos como era o *certo* no início.

A ideia central se balizou por buscar nas narrativas a compreensão de um ideal, posto geralmente no passado. O rito, que sempre evoca o mito fundante, recebe sua legitimidade e é justificado por estar ligado a ele, com o que o gerou, com a origem, com o primeiro tempo, o tempo de Reis. Dessa forma, investigar qual seria a ordem das coisas quando as coisas estavam em ordem, na perspectiva das mulheres, foi o que norteou discussão desenvolvida neste artigo. Além disso, apresentar se as pequenas alterações que já representam grandes conquistas femininas nesse contexto, são consideradas ou não perda da tradição na concepção delas, se mostra como uma via legítima de romper as barreiras misóginas que impedem a inserção plena das mulheres na manifestação dos Santos a que são devotadas.

Referências

- BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidade pentecostal. **Cadernos Pagu**, n. 6-7, Campinas, p.201-226, 1996.
- DAVIS, Bronwyn, GANNON, Susanne. Feminismo/ pós-estruturalismo. In.: SOMEKH, Bridget, LEWIN, Cathy (Orgs.) **Teoria e métodos de pesquisa social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- SCHMIDT, MAHFOUD, Maria Luisa Sandoval, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Revista Psicologia USP**, v.4, n.1-2. São Paulo, 1993.